

## INTRODUÇÃO

A homossexualidade é um tema desafiador ainda nos dias atuais, frequentemente oculto devido ao estigma social associado à discussão aberta da sexualidade, especialmente no contexto das mulheres. (BENTO, 2012).

Embora as mulheres lésbicas e bissexuais tenham ganhado visibilidade nas políticas de saúde (RODRIGUES; FALCÃO, 2021), destaca-se a falta de conhecimento sobre necessidades específicas como exames ginecológicos, como o Papanicolau, que são ferramentas essenciais na prevenção de câncer e outras doenças sexualmente transmissíveis (RODRIGUES *et al.*, 2019).

Onde chama a atenção para o problema do estudo: Qual é a percepção das mulheres lésbicas e bissexuais em relação a necessidade da realização de exame ginecológico.

O objetivo deste trabalho foi analisar a percepção de mulheres lésbicas e bissexuais acerca da necessidade dos exames ginecológicos, averiguando as experiências com exames e orientações de acordo com a sexualidade e vivência de cada uma.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Tratou-se de uma pesquisa de natureza transversal e de abordagem quali-quantitativa (SILVA; MENEZES, 2001). A pesquisa foi realizada em cenário digital, através de um questionário no *Google Forms* autoaplicável, obtendo uma amostra de 191 participantes. O alcance da população fonte da amostra se deu a partir do método *Snowball*, conhecido como método “Bola de Neve”, através do compartilhamento do instrumento de coleta de dados em plataformas virtuais Simão (2021).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

**Tabela 1** - Análise descritiva das variáveis do questionário para avaliação das mulheres lésbicas e bissexuais em relação às principais percepções quanto aos exames ginecológicos

	RESULTADOS OBTIDOS N (%)	
	HOMOSSEXUAL n (%)	BISEXUAL n (%)
Qual sua orientação sexual?	91 (47,6%)	100 (52,4%)
	SIM n (%)	NÃO n (%)
Falou para o profissional da saúde sobre sua orientação sexual?	150 (78,5%)	41 (21,5%)
Acha que mulheres lésbicas e bissexuais devem fazer exames preventivos?	191 (100%)	
Sentiu dificuldade ao expor sua orientação sexual ao profissional?	60 (31,4%)	131 (68,6%)
Em algum momento de uma consulta ginecológica, você se sentiu constrangida ou hostilizada por conta de sua sexualidade?	91 (47,6%)	
Em uma consulta ginecológica o profissional de saúde te solicitou exames de rotina?		
A abordagem do profissional foi adequada?		
Ofertou algum método contraceptivo?		
Orientou sobre a vacina do HPV?	54 (28,3%)	

Fonte: dados da pesquisa, 2023.

**Tabela 2** - Distribuição proporcional das mulheres quanto ao tempo decorrido entre a realização do último exame preventivo e a pesquisa

	Menos de 1 ano n (%)	Até 1 ano n (%)	Mais de 1 ano n (%)	Nunca Fez n (%)
Última coleta de exame preventivo (Papanicolau)	86 (45%)	50 (26,2%)	22 (11,5%)	33 (17,3%)

Fonte: dados da pesquisa, 2023.

Embora a maioria das participantes reconheça a importância dos exames ginecológicos como uma ferramenta crucial para a promoção da saúde sexual e reprodutiva, uma vez que 100% das entrevistadas reconheceram a importância da realização de exames preventivos (TABELA 1), ou seja, todas as participantes acreditam que as mulheres devem fazer exames preventivos, porém, quando questionadas sobre quando aconteceu o último exame, 28,8% das participantes disseram não ter feito exame ginecológico nos últimos 12 meses, que é o período indicado entre um exame e outro. Observou-se ainda que 17,3% das entrevistadas nunca fizeram o exame Papanicolau, o que indica que realmente há barreiras para que essas mulheres busquem e tenham acesso a esses atendimentos (Tabela 2).

Essa constatação é corroborada por uma série de estudos anteriores que abordam questões semelhantes, como o estudo de Amancio (2020), que destaca que as experiências de mulheres lésbicas e bissexuais com o cuidado à saúde sexual e reprodutiva são muitas vezes mediadas por fatores como a estigmatização e a falta de informação. Similarmente, Barbosa e Facchini (2009) apontam que o acesso a cuidados relativos à saúde sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres pode ser limitado devido a diversos fatores sociais e estruturais.

A informação é um recurso valioso, e os profissionais de saúde podem fazer muito para melhorar a literacia de saúde das suas pacientes, particularmente em tópicos sensíveis e frequentemente mal compreendidos, como saúde ginecológica e sexualidade. Eles podem ser o elo que faltava para conectar mulheres a recursos e informações essenciais para sua saúde e bem-estar.

Também é necessário considerar que, por mais que os sistemas de saúde estejam adaptados para tratar doenças e condições diversas, o mesmo nível de competência e empatia deve ser estendido a todos os pacientes, independentemente de sua orientação sexual. Os profissionais de saúde que ignoram essa responsabilidade fundamental não apenas falham em suas obrigações éticas, mas também contribuem para o ciclo de desinformação e estigmatização que mantém mulheres lésbicas e bissexuais à margem dos serviços de saúde que merecem e necessitam.

Concluindo, as implicações deste estudo vão além do campo acadêmico e se estendem à prática clínica e à formulação de políticas de saúde. O estigma, a discriminação e a falta de informação adequada não são apenas “problemas sociais”: são questões de saúde pública que exigem ação imediata e efetiva.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Aline Perdomo. **A saúde das mulheres lésbicas**: uma pesquisa bibliográfica. 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/56831>. Acesso em: 07 abr. 2023  
RODRIGUES, J. L.; FALCÃO, M. T. C. **Vivências de atendimentos ginecológicos por mulheres lésbicas e bissexuais**: (in)visibilidades e barreiras para o exercício do direito à saúde, v. 30, n. 1, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nNQZnc5v4mGtNhHFDyDjq8c>. Acesso em: 10 abr. 2023  
SIMÃO, Lidiane Camila. **A importância do sexo seguro na saúde da mulher lésbica**: uma análise sobre a perspectiva das mulheres no atendimento dos (as) profissionais ginecologistas. 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/213586?show=full> Acesso em: 20 maio 2023